



**VEJO-ME NOS SEUS OLHOS:
 a busca por transformação reacendida por Dulce Veiga**

**I SEE MYSELF IN YOUR EYES:
 the search for transformation rekindled by Dulce Veiga**

Eduarda Oliveira Leal¹
 Marguit Carmen Goldmeyer²

Resumo: “Escrever tem desses mistérios ... de repente, sem esperar, um dia você consegue despertar alguma coisa que está viva dentro de muita gente” (ABREU, 2014, p. 47). Com fundamento nessa citação de Caio Fernando de Abreu, no livro Onde andaré Dulce Veiga?, o presente artigo visa a buscar e mostrar as facetas da literatura e seu poder de identificação do leitor com o enredo. Qual fogo (re)acende chamas no leitor da obra de Abreu? Dulce Veiga ousa mudar e lembra aos leitores que isso é possível. Nesse contexto, buscou-se refletir acerca do anseio por mudança e da busca dos sonhos. A metodologia dividiu-se em três momentos: a leitura e apreciação de obras da literatura gaúcha, a elaboração de um portfólio como materialização do projeto acadêmico Vejo-me nos seus olhos e a revisão bibliográfica de teóricos, como Zacharias, Bauman, Barroco e Superti. Por meio dessa vasta experiência, foi possível concluir que a personagem literária, bem como o viés artístico que ela representa, inspira o leitor a ter coragem de seguir seus desejos e lutar pelo que lhe é belo.

Palavras-chave: Dulce Veiga. Transformação. Sonhos. Arte. Poder literário.

Abstract: "Writing has these mysteries ... suddenly, without waiting, one day you can awaken something that is alive within many people". Based on this quote by Caio Fernando de Abreu (2014, p. 47), in the book Onde andaré Dulce Veiga?, this article aims to seek and show the facets of literature and its power to identify the reader with the plot. What fire (re) lights flames in the reader of Abreu's work? Dulce Veiga dares to change and reminds readers that this is possible. In this context, we sought to reflect on the desire for changing and the search for dreams. The methodology was divided into three moments: the reading and appreciation of works from Rio Grande do Sul literature, the elaboration of a portfolio as materialization of the academic project I see myself in your eyes and the bibliographic review of theorists, such as Zacharias, Bauman, Baroque and Superti. Through this vast experience, it was possible to conclude that the literary character, as well as the artistic bias that she represents, inspires the reader to have the courage to follow their desires and fight for what is beautiful to them.

Keywords: Education, Palaeontology, Geology, Geography, Geography Teaching.

¹ Acadêmica do curso de Letras Português e Alemão no Instituto Ivoti: Ensino Superior. E-mail: eduarda.leal@institutoivoti.com.br

² Doutorado em Teologia pela Escola Superior de Teologia (2008), na Área de Concentração Religião e Educação, professora no Instituto Ivoti. E-mail: marguit.goldmeyer@institutoivoti.com.br

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como finalidade promover uma reflexão sobre a provocação literária da personagem Dulce Veiga em *Onde andaré Dulce Veiga?* de Caio Fernando de Abreu. A busca por transformação e a luta pelos sonhos é temática central da obra e é uma chama reacendida na vida do protagonista por meio do enredo, ao passo que Dulce abandona sua rotina para correr atrás da sua realização pessoal. A partir da prática acadêmica *Vejo-me nos seus olhos* buscou-se analisar as influências dessa personagem da literatura sul-rio-grandense sobre o leitor, utilizando-se da hipótese de que essa desperta um anseio por transformação o qual já reside no interior de cada ser. Destaca-se, todavia, que, bem como na obra, é necessário o trilhar do seu próprio caminho para alcançar essa maturidade emocional e social, caminho esse pautado no autoconhecimento, na autoaceitação e no confronto do eu com suas angústias mais profundas e substanciais.

Para tanto, abordar-se-ão reflexões acerca do autoconceito, da autorrealização, dos conflitos internos e do crescimento individual. Alicerçado em teóricos, como Zacharias, Bauman, Barroco e Superti, constroem-se trilhas para essa aventura. Ademais, serão abordados aspectos literários de Abreu e Franz Kafka - da obra *A Metamorfose* - para ponderação de pontos pertinentes à transformação do eu.

2 UMA PEQUENA LAGARTA: QUEM SOU EU?

Olhei minha cara no velho espelho riscado, as marcas que eu nem sabia mais se pertenciam ao vidro ou à pele, cumprimentei com uma curvatura de cabeça: "Muito bem, parabéns. Você agora tem um

emprego." Mas não conseguia sentir nenhum calafrio de dignidade, nenhum frêmito de esperança que pudesse iluminar meus olhos vermelhos ou empurrar para fora meu fatigado peito onde — não queria lembrar, mas lembrei — há menos de uma semana descobrira o primeiro fio de cabelo branco
Caio Fernando de Abreu

Em uma aventura artística e substancial, a espinha dorsal desse tecer textual está pautada no decorrer da vida de uma pequena lagarta exposta ao grande espelho da vulnerabilidade e das angústias cotidianas. Um ser tão pequeno, como muitos indivíduos o veem, todavia com um grande potencial a ser revelado. Nessa linha da vida, o autoconhecimento e a autoaceitação revelam a maturidade para um novo capítulo.

2.1 Autoconhecimento e autoaceitação

O significado e a relevância do eu advêm do valor que o próprio indivíduo atribui a ele, valor este que não é pautado somente em qualidades e dons já desenvolvidos, mas sim no conhecer-se e aceitar-se para assim desenvolver-se nos trilhos da vida. O jornalista em *Onde andaré Dulce Veiga?* estava atrelado ao alienante 'padrão' social:

Verdade que só um completo idiota ou alguém totalmente inexperiente sentiria, nem digo êxtase, mas qualquer espécie de animação por ter conseguido um trabalhinho de repórter no Diário da Cidade, talvez o pior jornal do mundo. Acho que ainda não tinha me transformado num idiota, não completamente pelo menos. E quanto à experiência — bem, aquela cara marcada, ainda inchada de sono, com barba de três dias, me observando por entre os riscos do espelho, parecia tê-la de sobra. Tudo bem, disse a cara no

espelho, já que você prefere mesmo confundir experiência com devastação... Suspirei outra vez. Não, querida cara, encher laudas e laudas nas máquinas de escrever daquele pasquim pré-informático certamente não era motivo para dar pulinhos. Mas eu tinha que ficar contente. E quando você quer, você fica. Comecei a ficar. Afinal, aquele podia ser o primeiro passo para emergir do pântano de depressão e autopiedade onde refocilava há quase um ano. (ABREU, 2014, p.20)

Dulce Veiga, por outro lado, representa um ponto “fora da curva”. Ela vai além do óbvio, foge do *tempo* da vida, das mazelas da sociedade e corre atrás do seu próprio eu. Ela aceita seu eu, se conhece e aceita suas particularidades. Dulce Veiga não se contenta com o raso, ela flutua no tempo e busca o sonho dela. Ela tece um caminho novo e essa inovação é o que ilustra sua particularidade, seu valor. Na obra, enquanto a maioria se prende ao emprego, às vontades da sociedade e ao dinheiro, Dulce sai do meio alienado do trabalho ‘forçado’ e decide viver seu sonho - cantar a liberdade, viver naquele vilarejo simples e cheio de vida, compartilhar seu tempo com pessoas que não lhe ‘quisessem’ por conta da fama. Dulce aventura-se no belo do sonhar. Contudo, para alcançar o seu destino, ela reconhece em si as suas angústias e infelicidades, as quais possibilitam a formação libertadora de um conceito do seu eu. Zacharias desenha esse processo revolucionário do ser humano:

O autoconceito pessoal está relacionado com a ideia que cada um tem de si mesmo enquanto ser individual, podendo ser identificadas quatro dimensões referentes ao mesmo: o **autoconceito afetivo-emocional** (como a pessoa se percebe enquanto ajuste ou regulação emocional), o **autoconceito ético-moral** (o quanto uma pessoa se considera honrada em um sentido de ética civil), o

autoconceito da autonomia (percepção de até que ponto a pessoa decide sobre sua vida) e o **autoconceito da autorrealização** (percepção da pessoa no que se refere aos sucessos e êxitos dos seus objetivos de vida). (ZACHARIAS, 2012, p.33-34, grifo nosso)

O indivíduo que perpassa as etapas do autoconhecimento autoriza-se a lidar com o que virá a seguir, ele permite que a vida o surpreenda. Assim, o autoconhecimento “permite ao sujeito identificar e perceber suas necessidades e suas potencialidades, possibilitando ao mesmo estabelecer metas pessoais e profissionais passíveis de serem alcançadas, levando-o a uma possível autorrealização.” (ZACHARIAS, 2012, p.36). Ele está pronto para enfrentar-se no processo de desenvolvimento e crescimento pessoal. A lagarta está prestes a entrar no processo de hibernação, de reclusão: a formação da crisálida.

3 CASULO: UM TEMPO PARA MIM

*Aqui sentada, abandonada,
contemplo o mundo imundo,
o tudo e o nada.
Assim perdida, alucinada
sobre o veludo verde
desta poltrona, apaixonada
por tudo e nada,
navego em sedas, me perco em mares,
eu tão distante do mar da vida,
farta de amores, cheia de bares.
Aqui sentada, incendiada,
contemplo o mundo tão vagabundo,
o nada e o tudo.
Veias feridas, aqui parada,
quase afogada na lama verde,
veludo mudo, poltrona vida,
única amiga da longa estrada,
que me aceitou e me deixou:
aqui sentada, iluminada.
Contemplo o mundo,
o mal, o bem,
o tudo, o nada
e o mais além.
Caio Fernando de Abreu*

Em um momento de pausa, silêncio e profundas incertezas, a vida continua. Todavia é nesse caos ambulante da rotina desgastante que o eu se desenvolve. É em meio à crise que a reflexão chega e os pensamentos se entrelaçam na busca por algo 'mais'. Durante o período da pupa, a pequena lagarta reorganiza-se e adentra a vida madura e adulta.

3.1 Os conflitos do eu

Como Espinelly (2007, p.32) já afirma, “Os sujeitos que fogem do padrão usual assumem automaticamente um papel de sujeira, de algo fora do lugar, que precisa ser limpo. Aqueles que ousam desafiar a ordem das coisas são punidos com a marginalização [...]”. Essa marginalização permeia a obra de Abreu (2014) e causa desconforto nas personagens caóticas que são apresentadas em sua confusão e desordem psicológica e emocional. O protagonista da narrativa já definia sua vida como um quebra cabeça na busca por uma história:

Minha vida era feita de peças soltas como as de um quebra-cabeça sem molde final. Ao acaso, eu dispunha peças. Algumas chegavam a formar quase uma história, que interrompia-se bruscamente para continuar ou não em mais três ou quatro peças ligadas a outras que nada tinham a ver com aquelas primeiras. Outras restavam solitárias, sem conexão com nada em volta. À medida que o tempo passava, eu fugia, jamais um ano na mesma cidade, eu viajava para não manter laços [...]. (ABREU, 2014, p.32-33).

Essa confusão interna e fuga dos vínculos reafirmam uma crise interna que há de ser resolvida ao passo que o ser identifica em si uma faísca suscetível à desacomodação do padrão. Bauman (2001, p.13), logo no prefácio da obra *Modernidade líquida*, já explica os fenômenos atuais de volubilidade.

Configurações, constelações, padrões de dependência e interação, tudo isso foi posto a derreter no cadinho, para ser depois novamente moldado e refeito; essa foi a fase de “quebrar a forma” na história da modernidade inerentemente transgressiva, rompedora de fronteiras e capaz de tudo desmoronar. Quanto aos indivíduos, porém — eles podem ser desculpados por ter deixado de notá-lo; passaram a ser confrontados por padrões e figurações que, ainda que “novas e aperfeiçoadas”, eram tão duras e indomáveis como sempre.

Nesse contexto de fluidez dos valores, padrões e saberes sociais, o ser em conflito consigo só encontra possibilidade de mudança ao desprender-se das amarras sociais e exigências do seu entorno para olhar para o que é subjetivo, profundo e particular seu. Fato já afirmado pelo apóstolo Paulo em seus ensinamentos: “Não vivam como vivem as pessoas deste mundo, mas deixem que Deus os transforme por meio de uma completa mudança da mente de vocês.” (Romanos, 12:2a; BÍBLIA, 2008). Para isso, é preciso reflexão, um tempo só, como em um casulo. É nele que ocorrerá a maturação completa do eu para sua liberdade psicossocial.

3.2 Metamorfose emocional

O processo inerente à crisálida formada por aquela pequena lagarta inclui sua transformação física, contudo aqui transportada à psique e às emoções do ser humano, como já feito por Kafka (2011) na obra *A Metamorfose*. Essa metamorfose é definida pela Academia Brasileira de Letras como a “mudança completa de forma: modificação, transformação, transmutação”. (ABL apud SOUZA NETTO, 2017, p.69).

E essa transformação que gera no protagonista da obra de Abreu e em tantos indivíduos da contemporaneidade estranheza e certo receio. Trata-se de

transfigurar o que é cômodo, padrão automático para o novo, estranho e desafiador.

No caso de *A Metamorfose*, de Kafka, a narrativa altera a ordem usual, ao começar pelo clímax, com a transformação do personagem Gregor Samsa em uma *barata já efetivada*. O que lemos então é já um fato irreversível. O personagem ainda se percebe como humano, visto que tem consciência do que aconteceu e pensa na irmã, antes que os últimos resquícios de humanidade se desfaçam. (SOUZA NETTO, 2017, p.71 grifo nosso).

Essa metamorfose de Kafka põe em xeque toda a loucura e alienação pelo trabalho que Gregor Samsa representava. Loucura essa temida pelo jornalista em *Onde andará Dulce Veiga?* ao dizer que: “Naquele tempo, remói, antes que a vida se transformasse numa sucessão de manhãs iguais às de Gregor Samsa, naquele tempo pelo menos sabia escrever.” (ABREU, 2014, p.31). Nesse ínterim, constata-se a repulsa pela monotonia de uma vida alienada. A metamorfose precisa, então, ser um processo completo e libertador que libere o ser das amarras sociais e da prisão emocional. A borboleta pode assim sair do casulo e voar pelos seus sonhos, experienciando a beleza da vida.

Essa liberdade pode ser materializada na obra de Abreu e na vida dos diversos indivíduos por meio da arte. A música de Dulce, a escrita do jornalista... São tantas as possibilidades libertadoras da arte. Melodias, pinturas, vozes, coreografias, interpretações: o tecer do eu como borboleta livre e bela se dá através da expressão revolucionária dos mais profundos sentimentos que abrem as portas da alma e dão asas aos sonhos. Trata-se de potencializar o eu e seus anseios:

Vigotski discute o quanto a função da arte vai além do simples contágio: a arte não altera apenas o humor

imediatos dos indivíduos, mas objetiva sentimentos e outras potencialidades humanas. Ela é capaz de provocar alterações no psiquismo dos sujeitos. (VIGOTSKI apud BARROCO; SUPERTI, 2014, p.23).

A arte desfaz o casulo, desbrava a maturidade de um ser ainda não completo, mas pronto para viver sua própria história.

4 EMARANHADO DE SABERES - A METODOLOGIA POR TRÁS DA PRESENTE AVENTURA

Esse trilhar da vida e das reflexões apresentado ao longo das presentes páginas é resultado de um longo caminho de leitura, viagens no tempo pelos séculos passados e aventuras literárias pelos pampas gaúchos. Na disciplina de Literatura Sul-Riograndense cursada no semestre 2020/1 constituiu-se um projeto denominado *Vejo-me nos seus olhos*, o qual permitiu a 22 acadêmicos o deleite nas obras literárias do Rio Grande do Sul, a reflexão sobre a história gaúcha e o conhecimento de diversos renomados autores e poetas.

“A arte está para a vida como o vinho para a uva – disse um pensador, e estava coberto de razão, ao indicar assim que a arte recolhe da vida o seu material mas produz acima desse material algo que ainda não está nas propriedades desse material.” (VIGOTSKI apud BARROCO; SUPERTI, 2014, p.23). Nesse projeto, configuraram-se 22 portfólios que acolhem profundos relatos e belas anotações das mais distintas vivências de um semestre intenso e literário. O portfólio de cada acadêmico reúne os destaques pessoais de cada passo dado nessa aventura. No destino final, após reler e apreciar o portfólio, e com base nos enredos das distintas obras, elencou-se uma temática central: inspiração para o presente trabalho. Este último que se configurou em conjunto com a revisão bibliográfica de teóricos, como

Zacharias, Bauman, Barroco e Superti.

E foi nessa via artística-literária que se encontrou a autora em um processo próprio de metamorfose, em um casulo 'forçado' por circunstâncias externas e por uma pandemia³ que a levou ao isolamento social. Foi nesse cenário que nasceram os fios utilizados na tessitura aqui apresentada: transformaram-se valores, pontos de vista, saberes e hábitos - afinal, a vida está exposta a constantes desencaixes para reinvenção do ser.

5 LIVRE PARA SONHAR, PARA VOAR

Eram teias de aranha, teias tão emaranhadas que levei muito tempo até conseguir tirá-las todas de mim. Minhas mãos ficaram pegajosas de seus resíduos. Como sair de um casulo, parecia.
Caio Fernando de Abreu

Ao chegar ao fim da pupa, do período solitário de transmutações e conflitos internos, a lagarta, agora alada, esbanja sua beleza e sua liberdade, expondo cores e formas singulares para a apreciação dos que as queiram perceber. Parece o fim de um ciclo, mas é possível arriscar e afirmar: é o início de um sonho.

É a partir desse ponto que Dulce Veiga se retira, larga tudo e, no ímpeto da liberdade, foge da rotina, corre para um novo lar. O autoconhecimento, o caos e a transformação são, sim, parte da história de cada lagarta de tamanho tão ínfimo. Todavia, o desfazer dos fios do casulo marcam o princípio da liberdade social, psíquica e emocional de uma pequena, mas notavelmente bela borboleta. Esse desmonte da crisálida viabiliza a conversão em uma nova estrada, particular e singular, de um indivíduo agora voador: de uma borboleta prestes a vivenciar e cantar a beleza da arte que é a vida. A essa transformação, a essa aventura que Dulce nos convida.

³ Pandemia do Covid-19, 2020.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Caio Fernando de. **Onde andaré Dulce Veiga?** 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- BARROCO, S. M. S.; SUPERTI, T. Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 1, p. 22-31, 2014.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Porto Alegre: Zahar, 2001.
- BÍBLIA. **Carta aos Romanos**. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.
- ESPINELLY, Luiz Felipe Voss. **Tudo além**: a busca do reconhecimento identitário em Onde andaré Dulce Veiga?. 2007. 98f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2007. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/3086/luizfelipe.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- SOUZA NETTO, Vanda Luiza de. A metamorfose, de Kafka: uma releitura de outras transformações. **POSGERE**, v. 1, n. 1, p. 69-80, mar. 2017.
- ZACHARIAS, Jamile. **Bem-estar docente**: um estudo em escolas públicas de Porto Alegre. 2012. 152f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/2874/1/000437549-Texto%2BCompleto-0.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2020.

Recebido em: 27/10/2020
Aceito em: 15/11/2020